

PENTAGRAMA

2005 NÚMERO 2

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



UM REGRESSO AO LAR ETERNO

MINHA VÉSPERA DE PÁSCOA

COMO SE TECE A VESTE DE NÚPCIAS

CRISTIANO ROSACRUZ NO JARDIM DE DEUS.

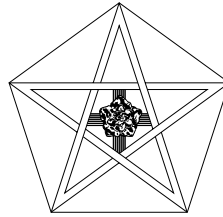
UMA PERSONAGEM ENIGMÁTICA

MINHA FONTE

A MORTE QUE É VIDA!

O MISTÉRIO DO PÁSSARO AZUL

O OITAVO PAVIMENTO DA TORRE E A RESSURREIÇÃO



REVISTA BIMESTRAL DA
ESCOLA INTERNACIONAL DA ROSACRUZ ÁUREA
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Redação

C. Bode, A.H. v.d. Brul,
I.W. v.d. Brul, R. Bürmann,
P. Huys, H.P. Knevel,
G.P. Olsthoorn, A. Stockman-
Griever, G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram,
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
pentagram.lr@planet.nl

Edição Brasileira

Editora Rosacruz
Administração e Vendas
Caixa Postal 39
Jarinú – SP – CEP 13240-000
Brasil
Tel.: (011) 4016-4234
Fax: (011) 4016-3405
info@editorarosacruz.com.br
assinatura@editorarosacruz.com.br

Editado nos seguintes idiomas

Alemão, Búlgaro, Eslovaco, Espanhol,
Finlandês, Francês, Grego*, Holandês,
Húngaro*, Inglês, Italiano*, Polonês*,
Português, Russo*, Sueco*, Tcheco.
A revista é editada 6 vezes por ano
(*) Editada 4 vezes por ano

© Stichting Rozekruis Pers.

A reprodução somente é permitida com
autorização prévia por escrito.

ISSN 1677-2253

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de
seus leitores para a nova era que já se iniciou para o
desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo
do homem renascido, do novo homem. Ele é também
o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio
do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto,
um símbolo somente tem valor
quando se torna realidade. O homem que realiza
o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio
pequeno mundo, está no caminho
da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar
essa revolução espiritual em seu próprio interior.

PENTAGRAMA

TEMA DESTE NÚMERO:

AS NÚPCIAS ALQUÍMICAS: UM REGRESSO AO LAR ETERNO.

Por sete vezes, a corda é atirada
a fim de tirar a humanidade
do escuro poço.

O candidato deve resistir aos
sete pesos. Sete navios encimados
por sete flamas atravessam
o mar. E tudo se realiza
em sete dias e sete noites.

ÍNDICE

- 2 UM REGRESSO AO LAR ETERNO
- 4 MINHA VÉSPERA DE PÁSCOA
- 7 COMO SE TECE A VESTE DE NÚPCIAS
- 15 CRISTIANO ROSACRUZ NO JARDIM DE DEUS
- 18 UMA PERSONAGEM ENIGMÁTICA
- 20 MINHA FONTE
- 25 A MORTE QUE É VIDA!
- 27 O MISTÉRIO DO PÁSSARO AZUL
- 34 O OITAVO PAVIMENTO DA TORRE E A RESSURREIÇÃO

ANO 27
NÚMERO 2

Escultura de bronze.
Otto Schouten

UM REGRESSO AO LAR ETERNO

A narrativa do livro As núpcias alquímicas demonstra, com toda clareza, que o ser humano é mais que um simples veículo físico dotado de pensamento e de uma certa consciência.

Jan van Rijckenborgh, em suas explicações da obra *As núpcias alquímicas*, desvela os arcanos da linguagem dos mistérios e descreve todo o valor dessa obra para o buscador que aspira à verdade e à iluminação. Ele também alerta para o fato de que a Fraternidade da Rosacruz não somente considera Cristiano Rosacruz o grão-mestre da Ordem, mas especialmente como o símbolo do homem que se torna uma alma-espírito.

É justamente pelo mistério dessa narrativa, e ela apresenta vários níveis, que os aspectos ocultos da alma são tocados. Eles a despertam para uma busca e lembram-na de um possível desenvolvimento que pode liberar as forças latentes do microcosmo.

A senda de Cristiano Rosacruz pode ser percorrida por todos os seus seguidores. Ela conduz, por meio de uma apropriada colaboração da personalidade, à transmutação da alma, o que já é, em si, um milagre da Graça. Na torre do Olimpo, então, a alma é preparada para as núpcias com o Espírito. Um microcosmo regressa à vida original! Nesse sentido, os números dos pavimentos da torre correspondem a aspectos do caminho espiritual. Alunos da Rosacruz

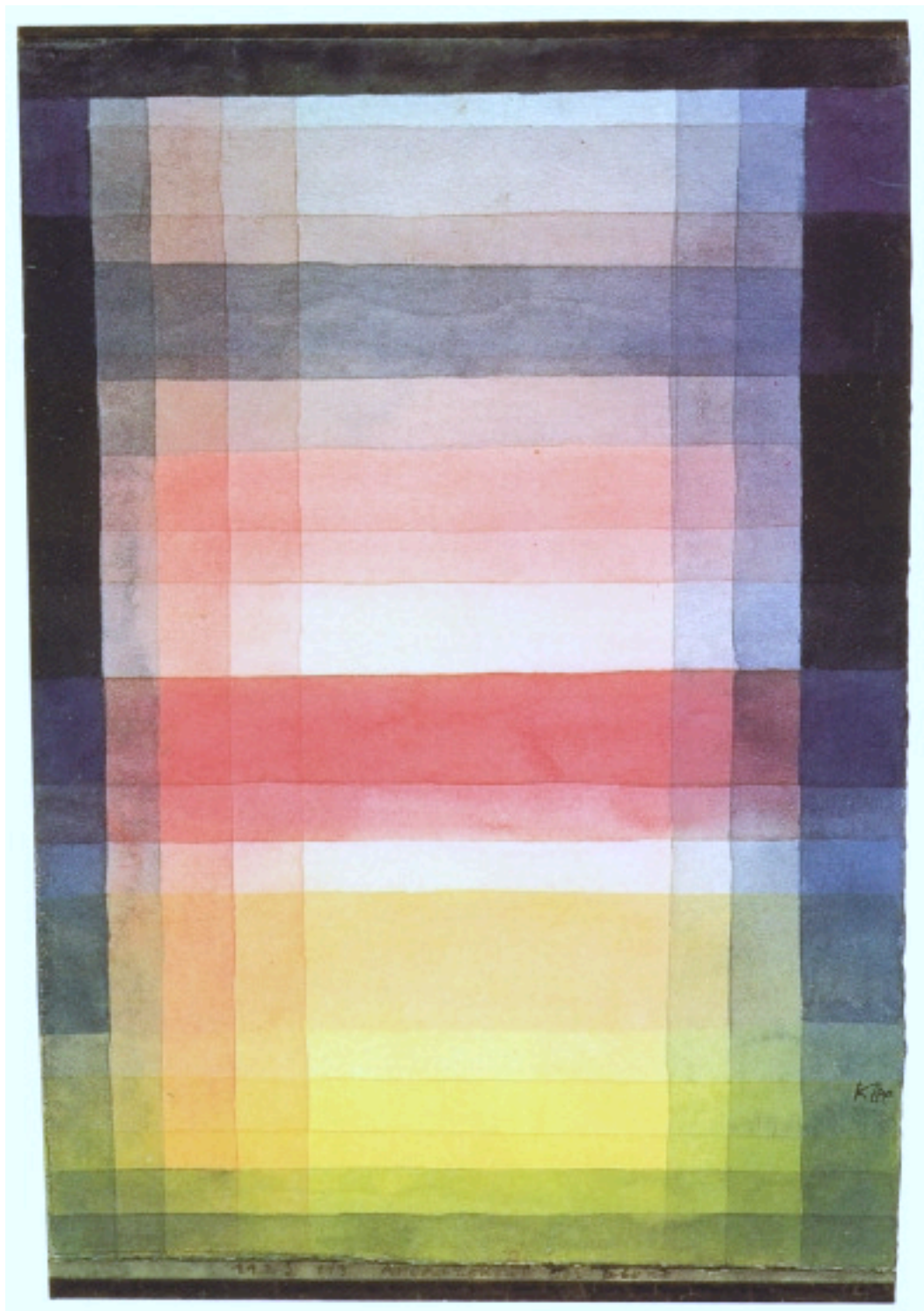
moderna têm contribuído com diferentes escritos que abordam, a partir dessa perspectiva, a grande tarefa da vida.

O crescimento espiritual é seguidamente descrito como um processo sétuplo. No Gênesis, a criação é detalhada em sete dias e o Apocalipse se cumpre segundo sete imagens simbólicas. Outras tradições ensinam que os ciclos de vida dos mundos e da humanidade se desenvolvem no interior de sete períodos cósmicos, segundo o princípio do subir, brilhar e declinar.

As núpcias alquímicas abundam em exemplos de manifestações sétuplas: a humanidade é retirada do poço sombrio com o auxílio de sete cordas, o candidato deve resistir à pressão de sete pesos, sete navios encimados por sete flamas partem para o mar e tudo se realiza em sete dias e sete noites.

Sobre isso Jan van Rijckenborgh escreveu: “Primeiramente, é preciso penetrar o sentido do número sete, o número perfeito... Prestai, portanto, atenção ao fato de que, antes de tudo, trata-se de um engajamento num processo natural de formação e de crescimento que estabelece a ligação com o esplendor exuberante do Espírito sétuplo e do número perfeito. Há, pois, sete lições a aprender, sete regras a seguir, sete virtudes a praticar”.

Os sete dias de Cristiano Rosacruz apresentam um desenvolvimento



As diferentes fases das *Núpcias alquímicas* são indicadas por cores. Embora descritas separadamente, na realidade elas se sobrepõem. Aquarela. Paul Klee, 1923.

ascensional ao longo dos sete níveis do microcosmo, que conduz à ressurreição do novo homem.

É uma viagem apaixonante de descoberta, por lugares ainda desconhecidos, através dos labirintos do caste-

lo real, que outra coisa não é senão nosso microcosmo, e dos porões abobadados até o ponto mais alto da torre. Essa viagem pode conduzir cada um de nós em um regresso ao lar eterno.

MINHA VÉSPERA DE PÁSCOA

Uma retrospectiva

Isso começou já há muito tempo, em minha juventude. O outono, para mim, era a mais bela das estações: a vida se inclinava para a terra, trazendo-me o sentimento do que é a morte. O mato crescera por entre o calçamento da nossa rua, e eu me perguntava se a vida, a cultura e tudo o que o homem cria nada duram. A natureza também quebra a mais dura pedra!

De que adianta construir? De que adianta florescer, já que tudo fenece?

No bosque vizinho, havia um lugar chamado As Sete Fontes, onde eu adorava passar a noite. Eu sempre olhava para a mesma estrela no céu. Seria ela uma mensageira de uma terra distante? Eu a contemplava. Era uma amiga, como também o era o pôr do sol. Eu cantava para essa amiga, sem conhecê-la. Tinha a impressão de viver em um sonho, penetrado por uma esperança difusa, inexplicável. Sentia-me um estranho à vida. Desejava apenas ver minha amiga desconhecida. Antes morrer que ser dela privado.

Uma noite, despertei e vi diante de mim uma porta aberta. Essa imagem me tocou profundamente: será este um chamado para partir? Mas partir para onde? Eu sonhava com Deus, com o mundo, dizendo a mim mesmo que nada podia haver além desta existência.

Eu trazia dentro de mim um desejo indefinido. Estranhamente, durante um certo tempo, eu via em meu relógio sempre a mesma hora. Meia-noite;

o que isso significava? Seria essa entrada da gruta, que eu observava com a minha visão interior, uma lembrança? Mas, lembrança de quê?

Comecei, então, a busca por uma rosa branca, pois sentia que ela teria um significado especial para mim. Fui de florista em florista, porém naqueles dias não era tão fácil encontrar uma rosa branca.

Foi assim que o “outro” teceu um fio em minha vida, embora eu não compreendesse muito bem. Um fio áureo. Era como se ele acompanhasse minha vida, a meu lado, como por detrás de uma vidraça. O que eu devia fazer? O que isso tinha a ver comigo?

E eu continuava a tecer os fios da rede do meu destino, porém estes não eram de ouro. E me envolvia cada vez mais nessa rede. Tinha a impressão de ser um pedaço de madeira à deriva no mar infinito. Então sobreveio um desejo estranho que rompeu os fios da rede. Fui conduzido a um lugar de luz e força, ancorado no espaço e tempo. Esses lugares existem! Percebi um eco, uma ressonância, que me dizia, nas profundezas de meu ser, que ali era meu lugar e que eu ali deveria permanecer. Eu ainda não tinha nenhum objetivo, nem intenção de retorno a uma pátria, mas tinha a impressão de que existia uma ponte que conduzia à verdade absoluta.

Uma nova fase de minha vida começava. Mas eu mesmo não sabia claramente o que fazer, nem que direção tomar. No princípio, eu me pergunta-



O PRIMEIRO DIA

O convite

Tudo começa numa véspera de Páscoa, tudo começa para um homem que sabe “que há algo mais”. No primeiro dia, o protagonista recebe uma carta convidando-o a assistir às núpcias reais. Embora a carta esteja endereçada a ele como a um conviva, é evidente que dele é esperado mais. “Se não te purificares, as núpcias podem causar-te dano.” Sete anos antes, numa visão, foram-lhe anunciadas essas núpcias, e ele tratara de preparar-se corretamente. Porém, nessa “véspera de Páscoa” tão especial, a carta insiste por três vezes na palavra “hoje”, pois é somente no hoje, no agora, que se pode começar um caminho espiritual. Contudo, Cristiano Rosacruz sente-se indigno e reconhece em si a existência de sete grandes defeitos. Ele duvida, sente-se ignorante e cego, nada sabendo das coisas ocultas e dos mistérios da natureza, e seu comportamento e seu pretense amor ao próximo não deixam de ser interesseiros. Do mesmo modo, os impulsos da carne ainda estão presentes nele e fazem-no voltar-se para as coisas e acontecimentos deste mundo. E vemo-lo, ao cair da noite, preso de profunda inquietude, por causa da misteriosa alusão aos três templos.

Os acontecimentos espirituais, que durante o dia estão sujeitos à ilusão e à ignorância, são desvelados a Cristiano Rosacruz durante a noite. Então, livre das limitações do corpo físico, ele pode perceber a verdade daquilo que lhe acontece. Na primeira noite, ele tem um sonho em que vê prisioneiros no fundo de um poço (símbolo da humanidade em sua atual condição), de cujas profundezas algumas pessoas são içadas para a luz com o auxílio de sete cordas. O Irmão Rosacruz também faz parte dos resgatados. Nisso ele vê claramente um sinal, pois é indubitável que somente à misericórdia ele deve seu salvamento. E, cheio de esperança, ele se põe a caminho.

va se o “outro” realmente existia ou se não seria fruto de minha fantasia. Sempre pensei assim em meu desespero. E, agora, o objetivo supremo da criação aparecia para mim. O que era eu em tudo isso, com minha pequenez e minha incredulidade? Senti-me profundamente envergonhado. Mas reconheci no “outro” um amigo. Tu eras o amigo. Como não pude compreender isso mais cedo?

Continuei aos tropeções no único caminho que eu via e devia seguir, pois o mundo ainda não havia se tornado um deserto para mim. Tentei,

realmente, “o caminho” – o que quer que isso fosse. Porém, tudo que restou de meus esforços, lutas e aspirações foi um “vazio”; e o sentimento de, apesar de tudo, encontrá-lo em algum lugar. Sim, somente esse vago desejo permaneceu. Tudo mais perdera o sentido; tudo se tornara oco e vazio.

Finalmente cheguei no fundo do poço. Não havia no mundo ninguém mais solitário que eu, pensei. Todos os desejos e objetivos haviam perdido o significado, toda esperança desaparecera. Cada vez que eu tocava os pontos profundos (e eles se sucediam), al-

Ilustrações dos sete dias de Hans Wilderman, *Chimische Hochzeit Christiani Rozenkretuz Anno 1459*. Göttingen, 1923.

go em mim se quebrava. Algo ao qual somente podia atribuir um nome: “eu”.

Egoísmo, teimosia, ilusões, submissão aos meus sonhos, aos meus desejos, tendo como fundo o ciúme e a estreiteza de espírito: eis o que determinava toda a minha existência; eu vivia apenas disso. Que terrível pobreza!

Em cada ponto profundo estavas a meu lado. Eu experimentava a consolação de tua presença; paz, força e compreensão. Então, tornou-se claro para mim: eu devia criar um espaço para ti em minha vida, tu devias viver, eu devia sempre dar um passo atrás. Porque eras tudo que eu sempre quis ser. Quando abandonei minhas idéias tolas, tu lá estavas. Porém, a diferença entre ti e eu me escapava. Frequentemente acontecia de eu pensar: tu és eu e eu sou tu. Essa confusão continuou a existir e trouxe consigo muita tristeza. E ainda traz.

O conhecimento adquirido e o *insight* desapareceram enquanto permanecia um caos de pensamentos e sentimentos. A orientação e o controle interior desapareceram. Então, um intenso desejo irrompeu e meu coração se encheu de alegria, felicidade e paz. Assim, lancei-me através dos meus espaços interiores: céu e inferno estavam dentro de mim. Mas um dia algo brilhou e ardeu no mais profundo de meu ser: compreendi que tudo o que me acontecera, até então, não fora fruto do acaso. Cada passo, cada coisa, cada acontecimento, tudo tinha sentido. Minha existência se apresen-

tou para mim como uma veste tecida de fios vivos. Passado, presente e futuro, tudo foi penetrado por tua radiação. De repente, a vida teve sentido e se integrou em um plano grandioso. Eu me senti apoiado e amado. Esse “Eu” não era eu, mas meu ser interior, o núcleo em mim, aquilo que eu alegremente queria ser.

Desde então, tu vives como algo novo em mim. É como se uma fonte de tua energia jorrasse. Dia e noite, nas profundezas e nas alturas, sigo os meandros de teu rio.

Passo a passo desvela-se agora o plano que contemplei graças a uma “iluminação”. Era uma tarefa, uma missão de vida. Eu a recebi diretamente de tuas mãos. Desde então és tu que a realizas através de mim, quando não resisto a ti em minha ilusão, que ainda existe e obstaculiza o caminho. No entanto, eu me entrego sempre mais à tua direção e me esforço em seguir tuas sugestões.

Eu era como Tomé, o incrédulo, o eterno cético. Embora já tivesses me concedido tanta misericórdia, eu sempre implorava luz, justamente quando tinha te abandonado.

Para minha grande surpresa, tomo consciência que o teu desejo parece ser também o meu! Tua vontade é também a minha. Quero seguir-te e realizar o que esperas de mim. Não apenas porque tu és meu mestre e eu teu discípulo, mas porque somos amigos.

Seguimos juntos para a... Páscoa...

COMO SE TECE A VESTE DE NÚPCIAS

“Em seguida preparei-me para o caminho. Vesti minha roupa de linho branco, cingi o lombo com uma cinta de cor vermelho-sangue disposta em cruz e que passava sobre os ombros”¹. Assim vestido, Cristiano Rosacruz põe-se a caminho para tomar parte nas núpcias reais, após ter recebido uma carta-convide das mãos de uma maravilhosa figura feminina de grandes e belas asas.

Em torno das *Núpcias alquímicas* é tecida uma rede sutil de símbolos que contém, até nos mínimos detalhes, indicações do processo que leva à ressurreição do homem divino. As diferentes cerimônias, as vestes mencionadas e as cores escolhidas não são nenhuma invenção de Johann Valentin Andreae e de seu círculo de amigos. A veste, por exemplo, sempre foi o símbolo do corpo sutil que muda de cor em função do estado interior. Em um texto gnóstico como *O canto da pérola*, de origem maniqueísta, o príncipe tira seu manto real quando abandona o reino de seu pai para ir procurar a pérola no Egito. Na mitologia grega, Hércules, tendo realizado seus doze trabalhos, recebe ao final de sua vida a túnica de Nesso, que lhe queima a (velha) pele. Do mesmo modo, a tradição do manto púrpura dos soberanos e dos sacerdotes relaciona-se a um antigo conhecimento dos Mistérios, que infelizmente foi perdido.

Branco, vermelho, ouro, negro e amarelo são as cores das diferentes

vestes usadas pelo Irmão Rosacruz e seus companheiros no decorrer dos sete dias. A escolha dessas cores nada tem de arbitrário, nem é novidade. A veste azul da virgem, no primeiro e segundo dias, refere-se a um nível de vida, ou seja, da alma, enquanto que as demais cores se relacionam a um processo de mudança. Não nos surpreende que essas cores pertençam à tradição alquímica. Elas indicam as transformações que sucedem no corpo sutil até o surgimento do novo veículo físico-etérico, tal como ele era originalmente. A verdadeira Alquimia não tem outro objetivo, e é disso que tratam *As núpcias alquímicas*.

No início da narrativa, Cristiano Rosacruz veste uma roupa de linho branco com uma cinta vermelho-sangue. O branco é a cor da pureza, e o vermelho, a cor do sangue. Estas duas cores indicam que nosso herói já se encontra bem preparado antes de re-

Neste primeiro processo do devir original, nada vemos ainda da transfiguração, mas antes de transmutação. Por transmutação entendemos o fato de tornar o inteiro microcosmo apto para o início da transfiguração. A transmutação consiste numa contínua depuração do ser dialético, no acúmulo e coordenação de novos materiais.

(Os quadros deste artigo são de J.v.Rijckenborgh, *O novo sinal*, São Paulo: 1983, p.80-81)

*Tão logo se realize esse trabalho
no primeiro nascimento,
o candidato ingressa na segunda
fase. Nela ele é convidado a se
despedir do velho templo e
do antigo campo de vida,
e a construir o novo templo,
o templo original do gênero
humano.*

ceber o convite para as núpcias. Só assim ele pode ingressar no campo da alma no segundo dia e passar pelos três portais que guardam a entrada do castelo. Ele recebe um novo par de calçados para que não manche o chão todo feito de mármore. É com esse mesmo traje que na manhã do terceiro dia ele segue para a prova da balança.

Sempre se soube que a alma se expressa no sangue, sim, que o sangue “é a alma”. O sangue é um fluido sutil no qual se fazem valer os instintos, os desejos e os sentimentos do homem ligado à natureza: a cólera faz ferver o sangue, o medo e os desejos violentos aumentam nele a pressão, a vergonha nos faz corar. Mas isto não é tudo: o sangue pode também ser portador de elevados valores espirituais.

O estado sanguíneo de Cristiano Rosacruz não é ainda totalmente puro. Ele mesmo diz: “Descobri igualmente que meu corpo, minha vida exterior, e meu amor fraternal e meu amor ao próximo não estavam totalmente limpos e purificados”². Entretanto, ele traça uma veste de linho branca com uma cinta vermelha disposta em cruz sobre o peito em sinal de profunda aspiração. Ele também

resiste, melhor que os outros, aos pesos da balança, o que pode ser compreendido como uma reação harmoniosa aos sete raios do Espírito sétuplo.

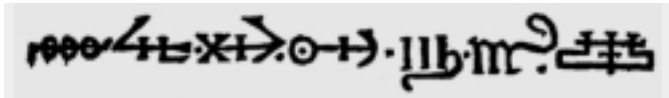
Irmão Rosacruz e seus companheiros que resistiram aos sete pesos recebem uma veste de veludo vermelho e um ramo de louro. Sua atitude harmoniza-se com a da virgem que, de manhã, presidira a cerimônia. Eles são, agora, bem-vindos na esfera que ela simboliza e que é o campo da alma, cuja vibração é superior à da natureza terrestre. Nesse campo, uma força divina ígnea é ativa, o que é simbolizado pela cor vermelha. A primeira vitória foi obtida, e o ramo de louro é a confirmação e o prêmio. Uma refeição é servida sobre uma mesa coberta com veludo vermelho e todos recebem uma distinção particular: “Antes de ocuparmos nossos lugares, os dois pajens entraram e, em nome do noivo, honraram a cada um de nós com um toirão de ouro, sobre o qual se encontrava um leão alado, com a solicitação de que o usássemos à mesa e honrássemos o nome e a dignidade da Ordem – que Sua Majestade hoje nos conferiria – breve nos confirmando tal honra com a devida solenidade”³.

Eles perguntam à virgem o nome da ordem, ao que ela responde “não ser chegado ainda o momento de revelá-lo, pois que a questão concernente aos prisioneiros ainda não fora solucionada”⁴.

A VESTE ÁUREA DO QUARTO DIA

Na manhã do quarto dia, Cristiano Rosacruz e “o grupo de alquimistas verdadeiros” se banham na fonte do jardim e bebem das taças de ouro a água viva que jorra. “Hermes é a fonte”, estava inscrito sobre uma lápide comemorativa “proveniente de um antigo monumento”. Eles receberam

Fórmula
criptográfica da
página 118 da
edição original das
Núpcias alquímicas
de 1616. O ano
1459, o símbolo do
Espírito, da alma e
do corpo, o nome
de Paracelso, o alfa
e o ômega.



uma nova veste “tecida com fios de ouro e magnificamente enfeitadas com flores”. Além disso, cada um recebeu um tosão de ouro incrustado de pedras preciosas de onde pendia um pesado medalhão com as efígies do sol e da lua.

As novas radiações transformaram o corpo vital, de modo que as divinas pedras de construção estão solidamente firmadas nele. Esse é “o veículo que está no meio”, entre o corpo de desejos e o corpo físico. Nesse corpo a nova alma vivente brilha na luz da nova manhã.

As magníficas flores nas vestes dos candidatos representam o sistema de chacras e os plexos, os centros de força do corpo etérico que agora estão carregados de novas energias. O brilho da veste áurea de núpcias acompanha a nova alma ainda no decorrer dos dias seguintes.

O ENCONTRO COM AS PERSONAGENS RÉGIAS

Agora que a veste de núpcias foi tecida, no quarto dia, o Irmão Rosacruz encontra as personagens régias em uma sala abobadada no alto de uma escada, o que o deixa bastante impressionado “pois o salão resplandecia de ouro puro e pedras preciosas, a veste da rainha era também tão magnífica e brilhante que não podia mirá-la. Isto tudo era ainda mais excelso do que tudo o que antes considerara belo e do que todas as outras potestades, tais como as estrelas no céu”⁵. Os companheiros são apresentados ao rei. O encontro e o deslumbramento dos adereços reais são a consequência de uma nova compreensão da atividade do Espírito, pois, então, a união do Espírito, da alma e do corpo aparece como um plano grandioso, passível de



ser realizado no dia seguinte.

Tudo está pronto, porém o Irmão Rosacruz está mais perplexo que feliz. É com dificuldade que ele suporta a visão, e as palavras não lhe vêm aos lábios. E outro espetáculo se segue: agora três reis e três rainhas aparecem na saída, em um nicho, cada um ataviado diferentemente. Entre eles se encontra um jovem casal. Acima deles pendia uma suntuosa coroa. Aqui o protagonista diz: “Eles não pareceram tão formosos como eu os havia imaginado. Assim, contudo, tinha de ser”⁶, pensa Cristiano Rosacruz que se tornou, no sétimo dia, servidor dos esposos reais.

A narrativa continua num outro nível, e a verdadeira natureza das núpcias alquímicas é agora revelada. Porque embora, o Irmão Rosacruz e seus companheiros sejam indispensáveis, não parece que estão diretamente envolvidos. São as personagens régias que se transformam durante o trabalho alquímico.

Após uma refeição, os candidatos são convidados a assistir a uma peça teatral na presença do casal real. O esposo traja “uma veste de cetim negro de corte italiano” e a esposa está igualmente vestida de negro. A alusão à moda italiana é interessante. Queria Johann Valentin Andreæ indicar com isso que os escritos herméticos e a alquimia greco-árabe haviam se tornando conhecidos na Europa via Itália?

Durante a primeira refeição tomada à mesa real, os candidatos percebem

que as personagens régias trajam “vestes cintilantes, brancas como a neve”. Ao final da refeição, tudo se torna negro: as vestes reais, o salão, o homem com o machado, bem como a vestimenta dos candidatos. O clima de depressão, que já era visível durante a refeição, domina os irmãos. E, quando reis e rainhas são decapitados diante de seus olhos, a virgem os adverte com as seguintes palavras: “A vida deles repousa agora em vossas mãos; se me seguirdes, muito mais vida surgirá da morte deles”⁷. Preto é aqui, portanto, a cor da morte, do declínio. Ao final do quarto dia, tudo o que é velho morre, e depende da disposição dos irmãos em servir, se tudo terminará bem.

AS VESTES NEGRAS DO QUINTO E SEXTO DIAS

Tanto a virgem quanto Cristiano Rosacruz e seus companheiros estão vestidos de negro durante o quinto e o sexto dias e cooperam na preparação das núpcias alquímicas. Sua atitude de vida, portanto, prova que estão completamente voltados para a Grande Obra. Durante os dois dias que passam na torre do Olimpo eles não mudam suas vestes, pois agora são apenas “servidores devotados”. Eles trituram especiarias e gemas e preparam sucos e essências para fazer reviver os corpos decapitados dos esposos reais. A transformação irá acontecer através do trabalho que executam com o auxílio da virgem e do ancião: do globo de ouro, eles liberam um ovo branco como a neve. Do ovo sai um pássaro sanguinolento, cuja plumagem negra se tornará branca, depois multicolor e azul. Eles vertem, gota a gota, o sangue rubi do pássaro nos corpos inanimados do casal de noivos. Estes, que têm a aparência de duas crianças, cres-

No início da terceira fase, este grandioso trabalho é realizado. O candidato volta a ser a alma vivente de outrora. Ele segue, então, o glorioso caminho que conduz da alma vivente ao Espírito vivificante.



2 O SEGUNDO DIA

A viagem e a chegada ao castelo

Seguindo o caminho, no segundo dia, a compreensão chega. C.R.C. deve escolher entre quatro direções, sem enganar-se. Bem ali, onde os caminhos se cruzam, a pomba com a qual acabara de repartir seu pão é perseguida por um corvo, e assim ele se apressa em enxotar o pássaro negro. A partir de então, ele toma o terceiro caminho. Em total espontaneidade, havia optado pela pomba, pela salvação da alma.

Finalmente, ele chega ao castelo, onde devem acontecer as núpcias. Associamos nobreza, elevação, pureza e poder ao castelo. Ele é o símbolo do campo da alma-espírito, que é de uma serenidade particular. Irmão Rosacruz encontra ali, para sua grande surpresa, outros convidados, cujo estado de alma é completamente diferente de uma atitude de humildade e consciência. Andreae sugere aqui, quão admirável é o fato de que eles tenham podido alcançar essa região. Por ainda não se sentir confiante nesse universo, Cristiano Rosacruz observa a possibilidade de passar a noite acordado, recolhido em seu aposento. Isto significa: preparar-se novamente, orientar-se, concentrar-se, a fim de discernir a natureza do campo onde se encontra e nele tornar-se consciente.

cem até chegar à estatura de homem e mulher adultos. Eles tinham os “cabelos dourados e anelados”... Mas, está escrito: “Contudo, ainda não havia calor nem sensibilidade neles. Eram como figuras mortas, ainda que de cor viva e natural”⁸.

Após os corpos terem sido assim preparados, diversas operações são realizadas com a finalidade de vivificá-los. A virgem traz novas vestes e as coloca sobre a mesa: “dois belos vestidos brancos, como eu jamais vira então no castelo, os quais não posso descrever, pois acho que eram de cristal puro”⁹.

Essa descrição faz-nos pensar na do alquimista Bernardus Trevisanus (1406-

1490) na *Pequena obra*: “Digo-te, e Deus é minha testemunha, que esse mercúrio, uma vez sublimado, parecia recoberto de uma película de um branco puro, como a neve das altas montanhas, com um brilho puro e cristalino; à abertura do balão exalou uma fragrância tão suave como nada mais no mundo”¹⁰.

Trevisanus fala aqui sobre o que ele chama de “pequena obra” em Alquimia. A forma, o corpo e a alma são conduzidos à sua pureza original. “A pequena obra” consiste na espiritualização do corpo. Já a “grande obra” consiste na “incorporação do Espírito”; em outros termos “o Verbo torna-se carne”.



A “pequena obra” está, então, terminada. Os corpos delicados, inanimados do jovem casal estão adornados com o manto de cristal da alma. O Irmão Rosacruz é o único, dos quatro irmãos presentes no salão do oitavo pavimento da torre, a ver como a nova vida é insuflada nos corpos inanimados. O casal real desperta. Espírito, alma e corpo estão completamente unificados. Depois que o processo alquímico é terminado, o casal real, em novas vestes puras como cristal, embora palavra alguma possa descrevê-las, deixa a torre do Olimpo e navega de volta para o castelo.

A VESTE AMARELA DOS CAVALEIROS DA PEDRA ÁUREA

O sétimo dia chega e “os devotos servidores” tiram suas vestes negras. A eles são dadas “vestes totalmente amarelas” que irão usar junto com o seu tosão de ouro. Então a virgem diz-lhes o nome de sua Ordem: eles são cavaleiros da Pedra Áurea. Mais tarde, de volta ao castelo, eles assistem a um festivo banquete, no decorrer do qual recebem as regras da Ordem e são sagrados cavaleiros. É no último dia que as vestes amarelas aparecem pela primeira vez na narrativa. Pensamos, evidentemente, no ouro do Espírito. Mas, no simbolismo de Johann Valentin Andreæ, que em todos os pontos é exato, o amarelo tem um significado particular. A resposta nos é dada pela Alquimia clássica: as três cores principais são, por ordem: o negro (*nigredo* ou decomposição), o branco (*albedo* ou descoloração), o vermelho (*rubedo* ou o brilho supremo).

Titus Burckhardt (1908-1984) o confirma: “Após a espiritualização do corpo, que equivale de certo

modo a uma descoloração do negro inicial em decomposição, vem, para finalizar, “a encarnação do Espírito com a púrpura real”¹¹.

J. V. Andreae não insiste sobre o vermelho, mas diz: “...vi um raio de fogo claro precipitar-se para baixo e entrar nos mortos”¹².

De tudo isso resulta que a encarnação do Espírito teve lugar no oitavo pavimento, tal como o explica o alquimista da Idade Média, Artephius: “Cozinhar o corpo em nossa água branca, ou seja, no mercúrio, até que ele seja dissolvido no negro; por decocção contínua, seu negror se perderá, e, por fim, o corpo assim dissolvido subirá com a alma branca, um se misturará ao outro e eles se estreitarão de tal modo que já não poderão ser separados. Então, o Espírito se une ao corpo em verdadeira harmonia e ambos se tornam permanentes. Esta é a solução do corpo e a coagulação do Espírito, que são uma só e mesma operação”¹³.

Acompanhamos todas as mudanças de cores das vestimentas no decorrer dos sete dias das núpcias alquímicas. Elas foram do branco ao vermelho, em seguida ao negro, e finalmente ao amarelo. Nos quatro primeiros dias, essas cores são distribuídas de maneira diferente da Alquimia clássica. Encontramos novamente a cor simbólica do alquimista no quinto e sexto dias, durante a transformação alquímica do pássaro. Nessa mudança, uma outra cor toma parte: imediatamente antes de seu sacrifício, o pássaro se torna azul¹⁴. Nos textos alquímicos, o azul e o amarelo são considerados cores suplementares. Ainda segundo Artephius: “E como o calor atuando sobre o úmido engendra o negror, que é a primeira das cores primárias, trazendo mais e mais calor, também no conti-

nuo cozimento o calor atuando sobre o seco engendra a brancura, que é a segunda cor, engendrando em seguida a citrinidade e a vermelhidão, que atuam sobre o puramente seco. São, portanto, quatro cores”¹⁵.

CRISTIANO ROSACRUZ AO FINAL DO SÉTIMO DIA

Os candidatos progrediram no processo alquímico até a coloração amarelo-ouro (*citrinas*). Eles agora são sagrados cavaleiros da Pedra Áurea, a serviço da qual deverão se dedicar. Esta é uma importante missão e o resultado de um desenvolvimento laborioso. Por isso, todos no castelo são preenchidos de alegria. Apenas para o Irmão Rosacruz o sétimo dia se apresenta completamente diferente. Após a sagração como cavaleiro, ele abandona seu tosão de ouro e seu chapéu em uma pequena capela, deixando-os ali como uma “eterna lembrança”¹⁶. A narrativa termina de repente: “O rei advertiu-me dizendo que aquela era a última vez que eu o via naquela forma... Fui conduzido por dois anciãos, o velho homem e Atlas, a uma magnífica câmara onde nos deitamos”.

O que acontece em seguida não pode ser contado com palavras, pois não pertence aos sete dias de nosso mundo do espaço-tempo...

Cristiano Rosacruz, uma noite, sobre a muralha (detalhe). Johfra.



Notas e fontes na página 40.



CRISTIANO ROSACRUZ NO JARDIM DE DEUS

Na manhã do terceiro dia, Cristiano Rosacruz passa com sucesso pela prova dos sete pesos, apesar de três homens tentarem abaixar o outro prato da balança. Com isso ele dá provas de estar preparado para uma compreensão maior. À tarde, ele explora o castelo, munido de uma faculdade de observação totalmente nova.

O que ele vê, então – a ordem da criação divina –, ultrapassa de longe o que o homem comum conhece do mundo, e que não é possível descrever senão em linguagem simbólica. A simbologia das *Núpcias alquímicas de Cristiano Rosacruz* é formada de imagens tomadas da Alquimia, da Cosmologia e da Mitologia.

O filósofo russo Nicolas Berdiaiev escreve em sua *Filosofia do espírito livre*: “Símbolo significa ‘mediador’, ‘sinal’, e ao mesmo tempo ‘ligação’. O símbolo e o simbolismo surgem da existência de dois mundos, dois estados de ser... Um símbolo é uma ponte entre dois mundos”¹.

A linguagem iconográfica das *Núpcias alquímicas* não é tão-somente um ornamento. As imagens ligam o leitor a uma observação interior, tal como a alcançada pelo Irmão Rosacruz no terceiro dia. Na condição de buscador, ele recebe respostas às questões: “Que é o homem? Qual é o sentido de sua existência? Em que consiste a natureza humana e a quais leis ela obedece?”

Entrementes, foram-nos mostradas as fontes com seus belos jorros, as minas e toda espécie de oficinas de artes. Entre elas não havia nenhuma que não excedesse a todas as nossas – se se pudesse reuni-las. Todos esses locais estavam construídos em semicírculo, de maneira que se tivesse sempre diante dos olhos o precioso tear [rede de engrenagens de um relógio], que se encontrava no centro em uma esplêndida torre, e se se pudesse orientar-se segundo o curso dos planetas, o qual podia ser visto aí de maneira resplandecente. Pode averiguar facilmente aqui o que falta a nossos artistas, apesar de não ser tarefa minha lhes dizer.

FONTES, MINAS E OFICINAS DE ARTE

Cristiano Rosacruz fica fascinado pela harmonia e beleza das fontes, das minas e das oficinas de arte. Ele percebe, de imediato, a grande diferença existente entre todas essas coisas e a arte mundana, que faz alusão apenas às criações terrestres. Compreende, simultaneamente, as ligações entre a Astronomia “alta” e a “básica”, entre Astrologia, Astrosfia e Alquimia.

A mina pode ser considerada a “*mater alquímica*”, o atamor³, o forno de barro, onde arde o fogo invisível do Espírito. As fontes dão uma idéia da vitalidade da substância sutil origi-



O TERCEIRO DIA

O DIA DOS SETE PESOS

A *Fama Fraternitatis* apresenta o clássico axioma dos rosacruzes sob a forma de um enunciado triangular: “Nascido de Deus, morto em Jesus, renascido pelo Espírito Santo”. É impressionante como nas *Núpcias alquímicas* consegue-se associar um processo hermético a uma atitude de vida cristã sincera. Deve existir um conhecimento puro sobre o processo alquímico da alma, mas também deve haver uma sinceridade totalmente isenta de preconceitos e mesmo de todo o saber, por parte dela. Este é o único meio de orientar-se no mundo espiritual e de ali se manter. O terceiro dia é o dia dessa confirmação. Os convidados devem passar pela prova de aptidão, para participar das núpcias alquímicas, o que consiste na pesagem de sua virtude e de sua conduta, avaliadas com o auxílio de sete pesos. O Irmão Rosacruz dá provas, aqui, de que ocupa uma posição especial entre os demais participantes, pois seu peso resiste até aos três pesos suplementares.

Em meio aos acontecimentos que se seguem, notamos que ele é conduzido clandestinamente, por seu pajem, através de salas misteriosas do castelo real. Ele visita a cripta real, onde fica particularmente fascinado por um globo tão grande que se pode entrar nele. Por fim, os participantes que restaram vão passar a noite em companhia da virgem Alquimia, sempre tendo o amor como tema de suas conversas.

No decorrer dessa terceira noite, ele sonha que consegue abrir uma porta. É assim que ele abre a verdadeira porta do castelo, a porta do campo da alma-espírito.

nal utilizada para a manifestação do plano divino.

As minas, as fontes e as oficinas são dispostas em semicírculo. Qual a razão de serem assim construídas? A resposta nos é dada pela Astronomia. Na Idade Média, o instrumento principal dos astrônomos era o astrolábio⁴. Esse instrumento, conhecido desde os tempos dos gregos, teve seu uso expandido, a partir do século VIII, entre os sábios do mundo islâmico e, em seguida, por toda a Europa, pelos mouros espanhóis.

O astrolábio fornecia uma representação do céu, das estrelas e dos planetas em um dado lugar e mo-

mento. Mediante esse meio mecânico, era possível localizar certas constelações e resolver problemas astronômicos sem a necessidade de cálculos complicados. Existem diferentes tipos de astrolábios. A forma primitiva consiste de um disco metálico, que simboliza a esfera celeste, e um disco giratório adicional, sobre o qual se projetam o zodíaco e as estrelas fixas. Pode-se, ainda, acrescentar mais discos.

O que nos interessa aqui é a divisão do disco principal. Um eixo horizontal divide o disco em dois semicírculos. O semicírculo superior representa o firmamento e o semicírcu-

lo inferior representa a porção do céu que se encontra abaixo do horizonte, “sob a terra”, invisível para o observador terrestre⁵. A representação das esferas em semicírculos era então bastante utilizada e provavelmente bem conhecida do círculo de amigos em que foram redigidas as *Núpcias alquímicas*.

As ilustrações cosmológicas dos alquimistas da Idade Média frequentemente apresentam esta divisão em semicírculos.⁶ Mais recentemente, ela adquiriu um outro significado, tal como o mostra uma gravura do século XVII, de Matheus Merian, que descreve a grande obra alquímica, e onde também aparece uma esfera de planetas: um eixo horizontal separa a esfera do mundo divino e a roda da natureza, o mundo terrestre⁷.

A TORRE E O RELÓGIO

No centro do semicírculo eleva-se uma torre com um relógio. Cristiano Rosacruz a olha fascinado. A torre simboliza a dupla corrente de energia utilizada para o trabalho de salvação do mundo e da humanidade.

A corrente descendente, por sua luz, desperta no ser humano o desejo de retornar à pátria original. A corrente ascendente mostra os estágios do caminho de retorno. Nas *Núpcias alquímicas*, tornamos a encontrar essa divisão com os oito pavimentos da torre do Olimpo, em cujo cimo dá-se a transfiguração da alma desperta no homem divino original.

O relógio da torre no semicírculo mostra o movimento exato dos planetas e o ritmo contínuo, no qual as forças divinas se transformam e são utilizadas. O Irmão Rosacruz vê as coisas diretamente pela primeira vez, pois aqui falta o segundo semicírculo.

Ele percebe as harmonias celestes sem o véu do mundo terrestre.

A TARDE DO TERCEIRO DIA

Na tarde do terceiro dia, Cristiano Rosacruz contempla em primeiro lugar a essência da criação divina, como já foi dito acima. Para ele, torna-se evidente que nenhum “artista” que trabalhe no plano terrestre pode compreender a harmoniosa criação vivente de Deus. O verdadeiro trabalho, a transfiguração, somente será realizado entre o quarto e o sétimo dias. No momento, ele contempla, cheio de admiração e profunda alegria, as leis do cosmo e abarca com o olhar o plano divino de salvação dos seres humanos. Fortalecido e confiante, ele pode antecipar, com boa disposição, os acontecimentos dos dias seguintes.

Notas e fontes na página 40.



UMA PERSONAGEM ENIGMÁTICA

O leitor das Núpcias alquímicas é confrontado com personagens singulares, às quais não é nada fácil dar um significado. Às vezes somos pegos de surpresa pela abundância de cenários bizarros. Este é, por exemplo, o caso do mouro que Cristiano Rosacruz encontra por três vezes no decorrer de seu percurso iniciático. Esse personagem passa por metamorfoses surpreendentes. De rei violento ele se torna um carrasco negro cuja cabeça, no fim, desempenha um papel no processo alquímico como força dinâmica. Por que o mouro, e o que tem ele a nos ensinar?

No quarto dia das núpcias, o mouro – uma figura típica da época – aparece pela primeira vez na Comédia na casa do sol. Esta “comédia” tem por finalidade instruir o Irmão Rosacruz e seus companheiros. Uma princesa, a alma, é prometida como noiva a um príncipe, o Espírito. Contudo, ela cai nas mãos de um tirânico rei mouro. A noiva não consegue (várias vezes) resistir às seduções do mouro. E isso apesar de conhecer o noivo e saber que não devia agir assim. A luta pela posse da alma é dramática: de um lado o mouro, do outro, o noivo. No meio dos dois – leia-se trevas e luz – a alma oscila de um lado para outro. Porém, apesar da vulnerabilidade que a faz ceder mais de uma vez ao mouro, ela acaba por ser salva. Após um combate decisivo, tudo acaba bem, o noivo

triumfa sobre o mouro, e o povo exclama: “Vida longa ao noivo, vida longa à noiva!”

AS TRÊS CENAS: A TORRE, O SALÃO SUPERIOR E A CASA DO SOL

A casa do sol representa o centro do coração do homem. É o órgão central, morada da alma e teatro do grande combate do ser humano para chegar à justa compreensão da natureza e da supranatureza, da luz em relação ao negrume dos sentimentos e desejos.

A segunda aparição do mouro nas *Núpcias alquímicas* é como carrasco negro do salão superior, ao final da peça teatral. Ele tem a tarefa, pouco invejável, de decapitar os três casais reais que estão sentados em seus tronos. Por sua vez, ao deixar o salão, ele tem sua cabeça cortada defronte a porta.

Esta é uma narrativa inacreditável, até mesmo inconcebível, se o leitor não compreende que os três casais reais representam aspectos da consciência. São as imagens da antiga consciência que, purificada pela experiência, encontra-se preparada para a transmutação. Os casais, assim como o mouro, o carrasco em serviço, devem morrer para renascerem como aspectos espirituais.

Cristiano Rosacruz encontra o mouro, pela terceira vez, no segundo pavimento da torre do Olimpo, onde se desenvolve um misterioso processo



4 O QUARTO DIA

O dia do trespassse

No jardim, os convidados assistem a uma peça teatral. É quando se vêem pela primeira vez em presença do rei e da rainha. A peça teatral, o que não é de se admirar, compõe-se de sete atos. Na peça, a princesa é vítima das intrigas de um mouro poderoso, que é finalmente vencido, durante um combate, pelo jovem rei, o filho e noivo.

Tão intrigante quanto simbólica, a peça é um prelúdio do drama desses dias. No quarto dia, o quarto estágio das núpcias alquímicas pode ser construído num “tapete quádruplo”. A endura constitui o plano fundamental do caminho de libertação do homem celeste. A personalidade perde sua força ao consagrar-se às quatro exigências que formam o tapete: ausência de luta, objetivo único, unidade de grupo e harmonia nas mudanças das atividades impostas pela vida.

Sem a morte não há vida nova.

Assim, assiste-se, no quarto dia, à decapitação das sete personagens, que são os três casais reais e o mouro que, notemos bem, é o carrasco dos primeiros. Os três casais reais representam, por um lado, os dois pólos do mal no ser humano, em constante oposição aos dois pólos do bem, e por outro lado, a jovem soberana: a nova e poderosa aspiração da alma, com o influxo sempre atuante do Espírito sétuplo a seu lado. Mas, como todos os seis se encontram ligados à antiga natureza, estão destinados a morrer. Aquele que morre por último, o mouro, simboliza a vontade humana.

Como já acontecera antes, nessa noite Cristiano Rosacruz toma uma importante decisão. Enquanto contempla o mar, ele vê os esquifes sendo transportados a bordo dos sete navios que estão de partida para uma ilha e nota que os “espíritos dos decapitados” ardem como flamas acima de cada um deles. O princípio ígneo da antiga personalidade é conservado, pois ele é a semente da eternidade.

alquímico. A cabeça decapitada do mouro é liquefeita numa caldeira para servir de solvente, tendo por objetivo a transformação alquímica dos casais reais. Trata-se aqui da transmutação do corpo etérico, a matriz doadora de vida para o novo corpo.

Qual é o sentido dessas figurações do mouro para o homem de hoje? Elas somente revelam seus segredos quando são dados os primeiros passos no caminho das núpcias alquímicas.

As confrontações com a força dessa personagem são os símbolos de um processo tríplice, e, sob forma codificada, indicam o caminho para se chegar à auto-realização.

O mouro é a personificação da vontade pessoal egocêntrica, que não tem qualquer consciência do campo do Espírito e nenhuma ligação com o mesmo. Trata-se de um aspecto da personalidade. A vontade empresta sua energia aos desejos do coração, às



MINHA FONTE

*Distante de todas as sendas,
de todos os caminhos que levam à vida
e à morte, adormeço, como no fundo
de uma tumba.
Em minha cama de abismo, eu te espero.
Meus pés recebem um pouco de descanso,
meus olhos cessaram de gritar.
Eu me abandono a ti, assim como alguém
que se abandona ao sono [...]*

*Volve teus olhos para mim,
não me deixes só no deserto.
Quero ser teu anjo, e glorificar-te
apesar de minha fraqueza.
O sinal que me fizeste,
quando eu mal nascia do corpo de minha
mãe, arde em meu coração.
Desde o instante em que contemplei
tua luz
nunca mais desejei que a sombra me
cobrisse o semblante.*



Esse tema universal das *Núpcias alquímicas* foi representado de muitas formas. “Cântico dos Cânticos V”. Marc Chagall, óleo sobre tela.

*Meu sonho habita teus mundos,
eu plano em teus céus.
Neste vôo minha vida se esfuma
e esqueço o caminho.
São tantos os universos que desfilam dian-
te de meus olhos,
absorvendo-me em seu alento.
As estrelas cavaram para mim uma tumba
no firmamento.
Abaixo, os anjos, num bater de asas celestes,
elevam-se até mim e sorvem minhas forças.*

*Os dias e os anos se escoam de mim,
torno-me semelhante à eternidade.
A música de Mozart e de Bach
se desfia em longas correntes ascendentes
como um suspiro cristalino a meus ouvidos.
Nada sou além de um eco,
o mundo ressoa na eternidade.
Muito perto daqui, eclodem novas flores
cujo perfume de repente me desperta.*

De Anjos, Marc Chagall, 1950

atividades mentais do cérebro e às funções corporais. Como resultado, a alma fica perturbada e aprisionada de todas as maneiras possíveis. É desse modo que se fica cego a ponto de já não ver o “único necessário”, surdo a ponto de já não ouvir a voz do silêncio, impotente a ponto de já não poder agir como deveria. Podemos considerar a vontade pessoal como o inimigo no caminho. Somente após intensa purificação é que essas funções poderão auxiliar a alma em seu impulso para a luz, como veremos a seguir.

O DRAMA REPRESENTADO NO CORAÇÃO

A alma do candidato à iniciação se parece, durante um certo tempo, com a princesa da peça. Nascida de novo, ela está destinada a se unir a seu noivo, o Espírito. Ela é branca como a neve, mas ainda lhe falta a consciência que resulta da experiência. Ela ainda não é “uma alma que sabe”. Ela conhece muito bem o anseio, mas não conhece as forças da personalidade que atuam sobre ela.

Por essa razão ela “sucumbe” à sua vontade pessoal, representada pelo mouro. Num processo extremamente penoso, ela aprende que é prisioneira de um mundo de ilusões e que deve reconhecer e viver todos os acontecimentos e conflitos com as forças tenebrosas. Ela tem, pois, o dever de se subtrair ao poder do mouro. Todo ser humano está ligado às forças da natureza dos opostos por meio de suas concepções, sua conduta e seus hábitos, tão aprisionadores quanto funestos. É necessário submeter essas forças ao desejo fundamental do coração. Quando o candidato segue conscientemente este único desejo por luz e desfaz suas ligações com a natureza,

ele suscita a oposição do mouro, o grande adversário. Sua libertação e sua intenção de se unir ao Espírito significam o fim de sua vontade pessoal, coisa que esta não aceita facilmente.

O COMBATE CONTRA O MOURO

Devido à sua aspiração pela nova vida da alma, a personalidade encontra-se na *endura**, fase de purificações e de transformações, às quais ela se submete com alegria. Então, torna-se claro: “Eu devo diminuir”. Esse “eu” inclui a compreensão, o sentimento e, finalmente, toda a antiga consciência. Então, o “totalmente outro”, o princípio puro, a centelha do Espírito pode crescer. Isso significa que aquele que se encontra na *endura* está pronto para lutar contra o mouro! Isto é o que ilustram as magníficas e iconográficas cenas que se desenrolam na Comédia na casa do sol.

Se aplicarmos essas imagens à vida real de qualquer candidato que queira seguir a senda da alma, poderemos dizer: ele ou ela está aprendendo a abrir-se conscientemente ao influxo do átomo-centelha do Espírito original, que se encontra no centro de seu ser, e, sob sua direção, está aprendendo a negar e sacrificar as influências de sua vontade pessoal.

Na peça, a princesa, a alma, é sempre libertada dos “domínios do mouro” por forças cheias de misericórdia. São essas experiências que dão ao candidato um sentimento de libertação; ele reconhece que existe uma vida pura e sublime. A caminho da libertação, sua essência mesma o faz exclamar: “Sim, é isso o que desejo”. Daí segue-se um contato íntimo com o noivo, o Espírito. Então acontecem os “esponsais” da alma plena de aspiração com



5 O QUINTO DIA

O dia do amor

No quinto dia ocorrem os funerais das personagens decapitadas, embora Cristiano Rosacruz saiba que os esquifes estão vazios. Antes, conduzido por seu pajem, ele havia contemplado a deusa Vênus, totalmente nua, adormecida num esplêndido leito, ali estendida, como morta em sua tumba. Ele vê, ali, a força do amor, ainda não desperta, em toda sua glória. Essa visão ainda terá impacto, como ele ficará sabendo no final do sétimo dia.

Para o Irmão Rosacruz, o amor toma uma nova dimensão. O amor é a única força capaz de penetrar tanto a natureza material como o campo da alma e o domínio do Espírito. Antes que o candidato inicie seu próprio trabalho alquímico na torre do Olimpo, aonde ele vai no quinto dia, esse amor deve ter-se tornado uma base. Durante a travessia para a ilha, as Nereidas cantam o seguinte:

O que permite a tudo vencer? O amor.

Como se pode encontrar o amor? Pelo amor.

Como se revelam as boas obras? Em amor.

Quem pode unir os dois? O amor.

Assim como o pentagrama, o número cinco simboliza a atividade da nova alma. O novo homem-alma é amor. À noite, o Irmão Rosacruz vê as sete flamas se colocarem no alto da torre do Olimpo. O significado desse detalhe não é dado senão ao final da narrativa.

o Espírito e as condições para realizar as núpcias se apresentam. Quais são essas condições? Em primeiro lugar, o desejo pela Luz deve se tornar decisivo e durável. A Luz vence o mouro no lugar em que se dá o combate, o coração; então o candidato encontra-se pronto a sacrificar a antiga consciência, e o processo pode continuar. Este é um momento extremamente importante, e ele se torna emocionante: o mouro, que até então se manifestava como vontade pessoal, coloca-se voluntariamente a serviço do processo de renovação. Armado de um machado ele entra no salão superior.

O final do quarto dia das *Núpcias alquímicas* descreve como estão reunidos no salão superior os seis aspectos da consciência: os dois pólos do mal, que no ser humano estão sempre em oposição aos dois pólos do bem, e a jovem princesa, que representa o intenso desejo da nova alma, com o sempre atuante influxo do Espírito sétuplo. Todos, porém, ainda se encontram ligados ao antigo campo de vida, e por isso devem morrer na narrativa. O sétimo aspecto, o aspecto atuante, aquele que executa, é a vontade do candidato.

Essa vontade está totalmente mu-

dada. A consciência de que os pensamentos, vontades, sentimentos e ações, nesta natureza, não levam a parte alguma, torna a força destrutiva do mouro, que de início encontrava-se em oposição à alma recém-nascida, sua servidora. Esta vontade ainda não é, na verdade, a vontade divina do homem ressuscitado, ela deve ainda se desenvolver. Porém, ela é a precursora da perfeita auto-rendição. A vontade egocêntrica do passado transmuta-se, agora, em sacrifício voluntário. Nenhum progresso é possível sem o emprego da vontade humana. Isso se aplica não só à matéria, mas também ao caminho do devir do novo homem. Um provérbio conhecido diz: “onde há uma vontade, há um caminho”! Poderíamos também dizer que de onde a vontade vem, para lá também ela vai. A partir do momento em que se dá uma reviravolta no desejo, a vontade pessoal pode efetuar seu último ato no salão superior. Como é descrito nas *Núpcias alquímicas*, o mouro, como carrasco, não sobrevive à sua ação, verdadeiramente heróica. Ao passar pela porta, ele tem sua cabeça separada do corpo. Ele morre; a noite chega.

Depois que tudo isso aconteceu, Cristiano Rosacruz percebe, durante a noite do quarto para o quinto dia, os sete navios com as sete flamas dirigindo-se para a torre do Olimpo. A bordo se encontram os corpos das seis personagens reais e a cabeça do mouro.

A ESSÊNCIA MÁGICA

Vejam agora o que se passa no segundo pavimento da torre do Olimpo. A cabeça decepada do mouro e o restante das forças da consciência têm ainda uma importante tarefa a executar na formação do novo corpo etérico. A cabeça do mouro é aquecida numa caldeira; o preparado resultante serve de solvente para os corpos sem vida dos reis. Que acontecimento lúgubre! Nós o entendemos como o processo alquímico de enegrecimento (*nigredo*)*, executado no nível etérico. A força da vontade atua como energia dinâmica nos corpos sutis. Porque o mouro foi decapitado, isto é, privado de sua antiga força natural, o fogo de sua força pode ser empregado para a formação do novo corpo etérico. Desse modo, o processo da transfiguração continua na torre do Olimpo, até a ressurreição do novo homem, no oitavo pavimento. A força purificada do mouro pode agora ser utilizada. Na narrativa, o processo iniciático ganha asas por sua dinâmica. Ele permite que o candidato se liberte da antiga natureza e que se realize a transfiguração do corpo, da alma e do Espírito.



Monas hieroglyphica, esse é o símbolo que CRC recebeu no convite para as núpcias reais, símbolo da união de Espírito, alma e corpo que se realiza pelo fogo cósmico.

NOTAS

* *Endura*: termo cátar que designa o processo alquímico pelo qual se empreende a libertação dos instintos e da vontade egocêntrica, colocando-se sob a égide da nova alma em crescimento.

** *Nigredo* é o negrume que surge num processo alquímico no início da “destilação”, quando a matéria se evapora. Esse processo é com frequência simbolizado por um corvo ou um sol negro. A nuvem negra representa o caos que deve ser vencido para que o “novo” possa nascer.

A MORTE QUE É TODA A VIDA!

Quando o quarto dia chega ao fim, conforme vimos, as seis personagens régias são decapitadas e seus corpos, colocados em esquifes. Na manhã do quinto dia, no decorrer de uma cerimônia, os esquifes são depositados em tumbas recém-abertas.

Ao cair da noite, Cristiano Rosacruz é testemunha de um espetáculo impressionante: os esquifes com os despojos reais, bem como uma caixa com a cabeça do carrasco, são levados a bordo de sete navios devidamente enfeitados que, após os funerais, deveriam conduzir também o Irmão Rosacruz e seus companheiros à torre do Olimpo. Parece, então, que pela manhã, os esquifes vazios foram deixados em suas tumbas, e o funeral representou apenas uma encenação. Esta é uma das cenas-chave, que levou muitos a considerarem essa obra da Rosacruz clássica uma mera farsa.

Todavia, a descrição torna claro que se trata de algo mais que um simples funeral, porque a realidade é como que construída através dos acontecimentos ocorridos à noite. Os acontecimentos externos não são reais, mas sim o que é desvelado na noite interior, quando a essência da alma está ativa na região que lhe é própria. A atenção do leitor é, então, dirigida para os reais acontecimentos que se desenvolvem no interior.

Encontramos muitas vezes o esquife e a tumba vazios como símbolos.

No antigo Egito, os sacerdotes convidavam o candidato a deitar-se num sarcófago, onde ele mergulhava num sono profundo, um sono de morte, a fim de entrar em contato com as esferas do mundo invisível. Ele podia observar o que estava além da vida material e como as forças divinas operavam na natureza e no homem. Após chegar a uma tal compreensão e ao fim da experiência, ele despertava como um novo homem, alguém que havia contemplado o segredo do eterno retorno.

No santuário de Asclépio, os gregos praticavam igualmente uma forma de sono terapêutico. A tradição germânica abrangia os mesmos procedimentos. De acordo com as histó-



À direita:
A fênix. Diana
Vandenberg. Óleo
sobre tela.
Abaixo:
Foto Pentagrama.

rias bíblicas, Jesus, após a crucificação, é colocado num sepulcro no jardim de José de Arimatéia. A francmaçonaria possui um rito segundo o qual o candidato deve permanecer um certo tempo num caixão simbólico. Isso era visto como o término de sua antiga existência.

A MORTE MÍSTICA

Nas *Núpcias alquímicas*, a morte mística é o momento crucial. É o *solve et coagula* da prática alquímica, que libera o antigo e liga com o novo.

Todos os aspectos da antiga consciência perecem. A própria ilusão de ser o centro do mundo detém o processo. A consciência determinada pelos sentidos não consegue compreender o significado profundo de tudo o que é exigido dela: sua própria morte. Na manhã do quinto dia, os amigos que podem assistir às núpcias alquímicas terão de defrontar-se com os acontecimentos interiores que os aguardam na torre do Olimpo. Até então, eles somente viam os fatos

exteriores. Essa é a razão de acreditarem na realidade dos funerais quando os esquifes vazios são confiados à terra e de sentirem a tristeza que os acompanha. Mas o quinto dia é também o dia do amor. O homem-alma, simbolizado pelo Irmão Rosacruz, reconhece a realidade espiritual, a inevitabilidade por trás do processo alquímico. Ele pode vê-la porque possui as duas qualidades próprias à vida da alma. Nele se caracteriza a aspiração por tornar-se uno com a vida – que é de fato a essência do casal real. Cristiano Rosacruz aspira tão-somente religar-se à vida espiritual que é tudo e em todos. Por um lado, ao sofrimento da humanidade, e por outro lado, à paz perfeita do rio do amor divino que nos serve de ajuda preciosa quando abrimos nossa consciência e aceitamos as conseqüências dessa abertura. Assim nasce a nova alma.



O MISTÉRIO DO PÁSSARO AZUL



Nos primeiros quatro pavimentos da torre do Olimpo, e graças à sua abnegada colaboração, Cristiano Rosacruz e seus companheiros deram lugar ao surgimento de um magnífico ovo branco como a neve. Com esse ovo – símbolo da eclosão da nova vida perfeita – a fase preparatória chega a seu fim. Dele sai um misterioso pássaro, que passa por diversas transformações alquímicas, mas que, no final, deve morrer. O que isto significa? Por que o pássaro deve morrer?

Artephius, alquimista do século XII, escreve sem rodeios: “Pobre tolo! És tão simplório para crer que vamos desvelar o maior número de mistérios e torná-los claros e inteligíveis? Asseguro-te que aqueles que, agarrando-se ao sentido corrente das palavras, tentam compreender o que escreveram os filósofos herméticos, se perderão num labirinto sem fim, pois lhes falta o fio de Ariadne para encontrar a saída”¹.

Essas palavras também se aplicam às diferentes etapas da *opus magnum* (a grande obra) que devem ser execu-

tadas neste ponto da nossa narrativa alquímica. Elas foram veladas simbolicamente, pois, na realidade, as palavras não são suficientes para descrevê-las. Abordamos esses acontecimentos sabendo que podemos compreender a verdade tão somente graças às nossas experiências vividas no caminho da libertação da alma.

O fio de Ariadne, de que fala Artaphius, é para nós um auxílio que nos guia no labirinto dos símbolos. Esse fio encontra-se dentro de nós. É o desejo de escapar dos limites do espaço-tempo para ingressar no mundo desconhecido da eternidade divina.

Enraizado no sistema do homem, esse desejo germinará; quem o experimenta, e para ele abre um espaço em seu próprio interior, encontrará a única saída e levantará os véus do mistério.

O NASCIMENTO DO PÁSSARO

Um maravilhoso pássaro sai do ovo branco como a neve. O animal está ensanguentado e é disforme, e a virgem Alquimia é obrigada a amarrá-lo. O Irmão Rosacruz e seus companheiros se vêem encarregados de alimentar o pássaro. Eles lhe dão três tipos de alimentos:

1. o sangue do casal real decapitado, misturado à água preparada;
2. o sangue de outra personagem real;
3. um outro alimento, que mais tarde foi chamado “seu alimento”.

Graças ao primeiro alimento, o pássaro cresce rápido, mas tem um comportamento maligno, bica e é completamente negro e selvagem. O segundo alimento o faz perder todas as penas negras e, em seu lugar, crescem-lhe outras, brancas como a neve. Ele se torna um pouco mais dócil. Com o terceiro alimento, suas penas ganham

cores esplêndidas, jamais vistas. O pássaro se torna dócil, pacífico, e pode então ser liberto.

Essas descrições seguem, muito de perto, certas fases da Alquimia clássica. Um processo se desenvolve paralelamente em dois planos: na matéria (o mundo exterior) e no próprio indivíduo (o mundo interior). A palavra de Hermes constitui o ponto fundamental: *Assim como é em cima, assim é embaixo; assim como é no interior, assim é no exterior*. O objetivo dos alquimistas era a fabricação da pedra dos sábios, que permitia ao mesmo tempo sublimar os metais vis (o mundo exterior, o trabalho de laboratório) e realizar a transfiguração do homem mortal em homem-Espírito imortal (o mundo interior, o trabalho no nível da alma e do Espírito).

Em antigas ilustrações que mostram a fabricação da pedra filosofal freqüentemente vemos numa retorta um pássaro em fase de transformação. Há, primeiramente, o negrume ou putrefação (*nigredo*, *putrefactio*), em seguida, a alvura ou purificação (*albedo*), e, por fim, a rubificação ou maturação (*rubedo*). Em quê essa linguagem fala ao homem atual?

OS ALIMENTOS DA ALMA

O pássaro simboliza a alma imortal que acaba de nascer. Este nascimento acontece quando os aspectos pessoais do ser humano foram neutralizados. É preciso saber que a alma divina não é um fim em si mesma. Ela é sempre uma intermediária e sua finalidade é forjar uma unidade indivisível entre o corpo e o Espírito.

Embora encarne a nova alma, o pássaro não pode permanecer tal como saiu do ovo. Ele deve se desenvolver até chegar a seu destino final. Para os

viajantes no caminho, o importante é dar uma correta alimentação ao pássaro recém-nascido, ainda desamparado e “selvagem”.

Isso também se aplica à alma. O processo de fusão é bastante complexo em seus detalhes; ele é inteiramente descrito nos acontecimentos que se desenrolam na torre. Isso também se aplica ao homem no qual a alma original despertou. Ele deve dirigir toda sua atenção para cuidar, de forma correta, desse frágil ser.

O SANGUE É A ALMA

A narrativa das *Núpcias alquímicas* dá ao leitor atento numerosas indicações sobre aquilo que está por detrás do processo. São particularmente notáveis as descrições sobre o sangue do pássaro. “O sangue é a alma”, assim diz a sabedoria universal. O pássaro é descrito, ao nascer, como ensangüentado e disforme. Essa é uma nítida referência à natureza da alma (ensangüentada), que necessita ainda de ulterior desenvolvimento e purificação (disforme). Ademais, essa nova alma encontra-se ainda ligada – “firmemente”, diz o texto – à personalidade e ao sistema corpóreo.

Os companheiros alimentam o pássaro com sangue; primeiramente com o sangue das personagens decapitadas, diluído na “água preparada”. Lembremos que os três casais reais decapitados simbolizam a antiga consciência. Seu sangue, recolhido numa taça, representa a energia essencial da antiga consciência que, agora misturada à “água preparada”, é administrada ao pássaro.

A ÁGUA ALQUÍMICA

No trabalho alquímico, a água co-

mum não é utilizada, mas a assim chamada “água de antimônio”. O antimônio é um elemento químico intermediário entre os metais e os não-metais. Ele pode dissolver todos os outros metais; separa o ouro (o Espírito) e a prata (a alma) e retira todas as impurezas. Ao contrário dos sete metais comuns, o oitavo, o antimônio, não se encontra no corpo humano. Ele representa uma energia supra-humana capaz de separar o corpo, a alma e o Espírito e elevá-los a uma oitava superior (o número oito). Artephtius diz a esse respeito que a água de antimônio² é “o meio da alma, sem o qual não é possível exercer essa arte... Eis por que a propriedade dessa água é a de liquefazer o ouro e a prata, ou dissolver, salientando sua cor natural. Porque ela converte a corporeidade em espiritualidade. Ouro e prata são exaltados (sobressaem) nessa água. Ela desagrega, destrói, transforma os corpos e as formas metálicas em Espírito inabalável”³.

Na narrativa, a “água preparada” eleva as forças da antiga consciência do sangue e as conduz a “um nível vibratório superior”. Aqui, já não se trata dos aspectos inferiores da antiga consciência, que já estão mortos há muito tempo, e sim dos aspectos mais sutis, que a alma agora deve cultivar, do “Espírito inabalável” dessas forças.

O pássaro alquímico bebe a mistura de sangue e água. O resultado é sabido: ele cresce, mas torna-se “negro e selvagem”. A confrontação interior com as forças da antiga consciência, que se refinou o máximo possível, apresenta muitos problemas. No trabalho alquímico, o negro corresponde à fase do apodrecimento, da putrefação. A substância alquímica assim dissolvida sofre, pelo calor, um pro-



6 O SEXTO DIA

O dia da alquimia

O trabalho transfigurístico propriamente dito somente acontece no sexto dia. Nosso protagonista e seus amigos colaboram para a ressurreição do casal real, ou seja, do homem alma-espírito. A obra-prima alquímica prossegue de aprofundamento em aprofundamento e se desenvolve. O leitor pode sentir, sempre com mais acuidade, a força do trabalho de restabelecimento espiritual efetuado no laboratório interior. O alquimista recolhe os frutos de seu trabalho no oitavo pavimento da torre. Os jovens rei e rainha ressuscitam. Ambos recobram vida no momento em que o princípio ígneo da eternidade desce sobre eles. É o Espírito originado de Deus. Ele reanima o casal real, o homem original. Seu restabelecimento resulta, portanto, da purificação das forças inferiores, de sua transfiguração, e da força que vem do alto, do Espírito. Não podemos aqui deixar de pensar no axioma hermético “assim como é em cima, assim é embaixo”, cujo símbolo consiste em dois triângulos imbricados e no número seis. Após os irmãos terem terminado essa obra, Cristiano Rosacruz, na noite do sexto dia, adormece profundamente.

cesso de decomposição (fermentação). Tudo o que não possui valores eternos retorna a seus componentes elementares. A confrontação com as forças da antiga consciência, que possui um potencial elevado, provoca, no pássaro, sua própria putrefação na torre do Olimpo. Para ajudá-lo em seu desenvolvimento, é-lhe dado, numa segunda fase, um outro alimento: “talvez o sangue de uma outra personagem real”, assim supõe Cristiano Rosacruz. Porém não se sabe de quem. Esse sangue é seguramente “outro”, pois já não é o portador das forças da antiga consciência. A partir deste instante, o estado do pássaro

melhora. Sua essência é purificada e ele se torna mais dócil. Ele perde todas as penas negras, que são substituídas por uma plumagem branca como a neve.

Assim, ele ingressa no segundo estágio alquímico: a alvura (*albedo*). Na Alquimia clássica, o branco provém da dissolução do sol (o ouro, o Espírito) e da lua (a prata, a alma) no antimônio. Para essa dissolução é necessário um calor suave e lento. O que foi purificado se eleva então, como “o espírito da alvura” (*spiritus albus*). O negro, como um “punhado de terra”, permanece no fundo do recipiente. O *spiritus albus* também é chamado “a

águia que voa nos ares, sem asas”, o “cisne”, “o pássaro de Hermes”⁴. Na narrativa, é o nosso pássaro branco.

Agora, ele está suficientemente puro para poder receber o terceiro alimento, denominado de forma misteriosa “seu alimento”, que o levará eventualmente à perfeição suprema. Somente com esse alimento, o alimento santo, a alma pode realmente crescer e prosperar, para se tornar finalmente “liberta”. Libertação significa que a alma chega a um ponto em que, desligada da personalidade, se torna totalmente livre e autônoma. O texto diz que a virgem leva o pássaro azul liberto para fora do campo de visão dos candidatos. Nesse momento, a alma se afasta do irmão servidor Cristiano Rosacruz para seguir a mensageira do Espírito, a virgem Alquimia.

O PÁSSARO AZUL

No quinto pavimento, o pássaro passa por uma transformação alquímica. Um certo fluido desempenha um papel importante. “Nesse salão foi preparado um banho para nosso pássaro, em que foi colocado um pó branco, tomando assim o aspecto de leite”.

No quinto capítulo de seu livro secreto, Artephius menciona uma “segunda água”: “Essa *aqua vita*, ou água viva, corretamente preparada, e mediante a divisão do corpo, transforma-o em um corpo branco. Porque essa água é um vapor branco, torna os corpos brancos... Ela se torna, agora, uma segunda água viva, chamada “azoth”⁵, essa água que [...] pela nossa primeira água do composto *sol e luna* torna os corpos limpos... É também chamada a alma dos corpos libertos... É a fonte real na qual se banham o rei e a rainha”⁶.

No decorrer do trabalho alquímico no laboratório, a sucessão de dissolução, enegrecimento e branqueamento se repete. A cada etapa a substância se apura, até chegar ao estado de “pedra branca”, quando é novamente reduzida a pó e dissolvida, para acabar eventualmente em um vapor branco que os alquimistas chamam “o leite das virgens”. O fato é que a alma se torna cada vez mais leve e transparente, à medida que o processo progride. Encontramos esses mesmos acontecimentos nas *Núpcias alquímicas*.

Tendo sido banhado na substância leitosa, o pássaro perde suas penas. Tudo o que é duro e cristalizado se dissolve. Suas penas se dissolvem na água do banho e sua pele se torna como a de um ser humano. As penas dissolvidas tornam azul a água do banho, que é colocada no fogo e se transforma em uma pedra azul. A equipe dos “alquimistas verdadeiros e fiéis” tritura a pedra contra uma outra pedra, reduzindo-a a pó, e pinta com ele a pele do pássaro. Agora ele se tornou esplêndido: ele irradia um azul magnífico; apenas a cabeça permanece branca.

Na Alquimia, a cor azul está associada ao elemento prata, portanto ao aspecto anímico. Na Alquimia, o azul não é identificado com o *opus magnum* – que é o vermelho – mas é apenas uma etapa intermediária. O azul também é visto como uma cor que corresponde à radiação da alma humana. Por conseguinte, no decorrer da elaboração alquímica, o pássaro torna-se uma verdadeira alma humana: azul, com a pele de um homem. A partir desse momento ele encarna a nova alma humana, radiante de estranha beleza.

Embora tenha atingido a perfeição, a alma não pode permanecer definitivamente sob essa forma. A virgem

conduz o pássaro que, pela segunda vez, desaparece da vista dos companheiros. Mas subamos ainda a torre do Olimpo para ver o que ali se passa.

O SEXTO PAVIMENTO

Após a virgem sair com “seu” pássaro azul, os companheiros são chamados a se dirigirem ao sexto pavimento. Um tanto apreensivo, o Irmão Rosacruz lá reconhece o mágico altar, semelhante ao descrito no quarto dia, quando foram pela primeira vez colocados em presença dos três casais reais. Sobre o altar estavam seis objetos:

1. um livro coberto de veludo preto incrustado de ouro,
2. um castiçal aceso,
3. um relógio, do qual
4. uma pequena fonte jorrava água vermelho-sangue,
5. um globo celeste em rotação,
6. uma caveira, na qual se enroscava uma serpente branca.

Em sétimo lugar, temos o próprio pássaro azul atrás do altar. Sete é o número da realização, bem como a soma das qualidades dos seis primeiros. O pássaro da alma aí conclui sua obra. Ele bebe um largo sorvo da água vermelho-sangue e, em seguida, pica a serpente branca até ela sangrar copiosamente. Os companheiros recolhem o sangue em uma taça e o vertem na garganta do pássaro recalcitrante. Em seguida, mergulham a cabeça da serpente na fonte, com o que ela retorna à vida antes de desaparecer no interior da caveira.

Entrementes, o globo continua a girar e o relógio soa por três vezes. Na terceira hora, o pássaro coloca humildemente sua cabeça sobre o livro e se deixa decapitar por um dos companheiros. Por fim, os acontecimentos

mágicos que se desenrolaram no sexto pavimento da torre findam com a incineração do pássaro morto e da placa suspensa por trás do altar. Sobre o altar, desocupado de seus objetos, um fogo é aceso na chama do candelabro. As cinzas são purificadas várias vezes e colocadas em uma caixinha de cipreste.

Aqui acontece exatamente o que diz Artephius: “quando tomamos os tratados dos filósofos herméticos ao pé da letra e de acordo com o sentido corrente das palavras, perdemo-nos num labirinto sem saída”⁷. Então, qual é o fio de Ariadne que falta?

A OFERENDA DA ALMA

Na análise esotérica das *Núpcias alquímicas*, Jan van Rijckenborgh nos explica o significado do altar⁸. O altar corresponde ao lugar da cabeça onde se encontra a glândula pineal, ao passo que os objetos sobre o altar simbolizam os aspectos necessários à realização da oferenda. Esses aspectos são os seguintes:

1. O aspecto do destino: o livro em que estão escritos os nomes de todos os que querem fazer essa oferenda. O nome de cada candidato está aí inscrito: ele deve ser predestinado.
2. O aspecto da Gnosis: a serpente branca enroscada na caveira simboliza a sabedoria divina.
3. O aspecto do momento decisivo: o relógio, em conexão com
4. os aspectos das justas influências cósmicas: o globo celeste.
5. O aspecto do estado de sangue, o estado de alma: a fonte.
6. O aspecto do fogo serpentino, o estado de consciência: o candelabro aceso.

Acrescentamos ainda o pássaro azul, o símbolo da nova alma humana. Ele se oferece, num último sacrifício, à união definitiva do Espírito, da alma e do corpo. Essa é uma oferenda talvez inesperada para muitos leitores. Mas, será o ovo branco como a neve, surgido do globo de ouro, no quarto pavimento da torre do Olimpo, a imagem do homem tornado realmente imortal?

O ovo certamente traz em si a nova vida, mas somente em potencial, como conceito. E agora, no cimo da torre do Olimpo, esse conceito demonstra sua força e concede à ressurreição uma gloriosa realidade vivente. É o coroamento do *opus magnum*: o retorno da alma vivente ao Espírito vivificante.

A cena na qual o pássaro humildemente aceita morrer tocou profundamente o Irmão Rosacruz e seus companheiros no coração. Ele o reconheceu, dizendo: “Sua morte nos atingiu direto o coração, contudo, como pensávamos que um pássaro nu não nos seria de muita ajuda, resignamo-nos”. O pássaro está nu porque ele apenas ilustra o aspecto alma; a realização está próxima, mas o Espírito ainda está ausente.

Chega então o momento das núpcias, das quais fala o tratado *Exegese sobre a alma* nos manuscritos de Nag Hammadi: “Pois essas núpcias não são como as núpcias carnavais... Mas quando eles se unem, eles se tornam uma única vida”⁹. Para o pássaro-alma, essa é uma hora de crise.

O MISTÉRIO DO PÁSSARO AZUL

O texto das *Núpcias alquímicas* diz muito claramente: “Finalmente, quando percebemos a terceira conjunção, que foi indicada pelo relógio, o pássa-

ro, humildemente, colocou a cabeça voluntariamente sobre o livro e deixou-se decapitar por um de nós, que fora designado para isso por sorteio. Entretanto, não fluiu uma gota de sangue até que se lhe abriu o peito. O sangue jorrou então, fresco e claro como uma fonte de rubis”¹⁰.

Eis aí o mistério do pássaro azul. O sacrifício não é uma morte, pois a nova alma é imortal, e, por conseguinte, o sangue não corre no momento da decapitação. Somente no momento em que a transmutação alquímica está completa o sangue da alma jorra do peito do pássaro, puro vermelho-rubi, a simbólica “rosa vermelha” dos rosacruz.

Essa morte é a oferenda transfigurística da alma, que dá seu sangue para poder se unir ao Espírito. Depois de ter sido transformada pelas forças da água alquímica, ela é, então, influenciada pelas forças do fogo, para que possa se fundir com o Espírito. Esse fogo mágico é aceso graças à consciência – o candelabro no altar – e tudo se desenrola segundo um plano pré-estabelecido – a placa por trás do altar. As cinzas purificadas são colocadas numa caixinha de cipreste. Essa caixinha tem a forma de um cubo que, desdobrado, tem a forma de uma cruz.

Esta é a morte, preparada pela água, purificada pelo fogo, integrada à cruz, como descrita na Bíblia, “tragada na vitória”. As cinzas purificadas do pássaro incinerado tornam-se a *prima materia*, da qual, no oitavo pavimento, o novo casal real, o homem-Espírito, ressuscitará.

Notas e fontes na página 40.

O OITAVO PAVIMENTO DA TORRE E A RESSURREIÇÃO

Após o corpo do pássaro ter sido incinerado no sexto pavimento da torre do Olimpo, a narrativa toma uma direção inesperada. Em lugar de receberem a recompensa por seu bom trabalho e subir ao sétimo pavimento, o que seria de se esperar, o Irmão Rosacruz e outros três candidatos são molestados pela virgem, que zomba deles e os acompanha até a porta, ao som de uma fanfarra ensurdecedora. Aonde essa porta irá levá-los, permanece oculto para o restante dos companheiros. Sigam os, portanto.

É compreensível que Cristiano Rosacruz fique desesperado. O que teria ele feito? Mas tudo acontece de modo diferente. Tão logo a porta é fechada à chave atrás dele, os músicos sobem a escada em espiral e os conduzem para além do sétimo pavimento, abaixo do telhado. Eles chegam assim à sala secreta do oitavo pavimento, onde já eram esperados. O Ancião, que até então eles não haviam mais visto, recebe-os amistosamente. Ele está diante de um pequeno forno. Agora a virgem também aparece com a pequena caixa que contém as cinzas do pássaro azul. Ela esvazia as cinzas em um outro recipiente e torna a encher a caixa com outro material, que entrega aos candidatos que chegaram ao sétimo pavimento, “no intento de jogar um pouco de pó em seus olhos”, diz ela.

Sob a direção do Ancião, os quatro companheiros umectam as cinzas do

pássaro com a água já preparada e levam essa substância ao fogo, derramando-a, por fim, nos moldes preparados nesse pavimento.

A PORTA DE SATURNO

O oitavo pavimento tem uma forma extraordinária: as paredes compõem-se de sete semi-esferas, e, no meio, um pouco mais acima, ele apresenta, no telhado, uma pequena abertura redonda que não é notada por ninguém, exceto pelo Irmão Rosacruz. Oito é o número do planeta Saturno, que se encontra no limite da antiga esfera planetária do nosso sistema solar, o que explicando por que se fala de “porta de Saturno”. Os números de 1 a 7 formam um ciclo fechado sobre si mesmo, significando “plenitude” ou “perfeição”. Com o oito tem início um novo ciclo, uma oitava superior.

Nas *Núpcias alquímicas*, o oitavo pavimento representa a porta do mundo da alma-espírito. Para os quatro candidatos escolhidos, é o campo da ressurreição, o ingresso no campo de vida do homem original. Por que o caminho que para ali conduz é uma escada secreta em espiral que ultrapassa o sétimo pavimento?

O SÉTIMO PAVIMENTO E A ESCADA EM ESPIRAL

Enquanto os moldes esfriam, o Irmão Rosacruz espia, por uma fenda no chão, o que acontece no sétimo pavi-



7

O SÉTIMO DIA



Uma nova missão

No sétimo dia, o dia da realização, são celebradas as núpcias reais. Cristiano Rosacruz e seus companheiros são sagrados cavaleiros da Pedra Áurea. Ele deseja tão-somente uma coisa: permanecer sempre junto ao rei. Contudo, cabe-lhe uma missão que o afasta do rei: acolher, na qualidade de guardião do Portal, os recém-chegados no castelo. Devido à sua particular ligação com Vênus, o amor, ele tem como tarefa servir aos homens com a força da deusa e abrir-lhes a porta. Ele se entristece por ver-se aparentemente separado do rei, do Espírito. Ainda aqui, o verdadeiro significado dessa circunstância lhe é revelado somente durante a noite. Ele tem a impressão de ter retornado para casa. A realização de sua missão fornece a prova da ligação efetiva entre o Espírito (o rei), a alma (a rainha) e o corpo (o porteiro).

Aqui termina a narrativa, com um fim aparentemente em aberto, e o comunicado, segundo o qual, “ele, o autor, voltou para casa”.

mento. A virgem dá aos companheiros ali reunidos a substância especial da caixinha, com a qual eles se põem a trabalhar. Eles se aplicam em fazer ouro, e sopram o fogo tão fortemente até “quase perder o fôlego”.

Podemos ver a torre do Olimpo, com seus sete pavimentos, como o fogo serpentino com seus sete chacras. O fogo da consciência flameja na coluna vertebral, razão pela qual é dito que os candidatos sopram, de baixo para cima “através de um buraco no teto” que representa simbolicamente as vértebras, que são ocas. O sétimo chacra se encontra no alto do santuário da

cabeça, na parte do cérebro onde está a pineal. Trata-se do órgão real, no qual está centrada a consciência. Um dos pólos da mônada, o Espírito, coroa a pineal. O homem original era uno com o Espírito, que penetrava o fogo serpentino a partir da pineal, entrando e saindo livremente por ela, obtendo assim energia e força vital para o sistema.

Este já não é mais o caso, pois o fogo serpentino degenerou. A unidade original de coração (alma) e cabeça (Espírito) foi rompida. Já não existe ligação entre a pineal e a mônada no homem. Entre eles, um profundo abismo se abre, e o Espírito já não po-



de penetrar diretamente a consciência.

No livro, é relatado que nenhum companheiro, nem mesmo aquele que atíça o fogo no sétimo pavimento com muito mais energia – no conto, através de um buraco no teto – consegue chegar ao oitavo pavimento. O sétimo pavimento simboliza a pineal e o oitavo pavimento simboliza a mônada ou o campo do Espírito. Somente se alcança essa conexão através de uma porta secreta que se abre sobre uma

escada em espiral, que vai além do sétimo pavimento. Muito estranho.

Sobre isso, Jan van Rijckenborgh diz:

“A escada em espiral designa uma ligação entre o chacra do coração e o chacra mais elevado, que corresponde à pineal. Quando a alma nasceu e os candelabros estão reunidos, ardendo uniformemente, desenvolve-se, literalmente, uma ligação corporal luminoso-etérica entre o coração e a cabeça, livre de qualquer base anatômica. Essa ligação se compõe de éter refletor, que é mental, e de éter luminoso, que é sensorial. Ambos têm um movimento claramente espiralado, razão pela qual se fala de uma escada em espiral.”²

Pelo fogo serpentino, o protagonista se engaja nessa via ascendente, no quarto dia das núpcias alquímicas, pela primeira vez. Ele sai do castelo, acompanhado por Alquimia, que o conduz, por uma escada em espiral, para um salão superior onde ele havia contemplado os três casais reais e o altar mágico. Porém, ele não pôde permanecer ali, nem tampouco fazer coisa alguma, pois seu desenvolvimento não lhe dava essa possibilidade. Quando desceram, a porta foi aferrolhada.

Na narrativa, o pássaro azul simboliza a alma. Graças a seu sacrifício, a porta se torna visível para os quatro companheiros. Eles são levados a passar por ela de modo dinâmico. A narrativa menciona uma fanfarra que, por assim dizer, os “sopra” para fora. Depois, passando pela escada na parte externa do sétimo pavimento, eles chegam ao oitavo pavimento. Este é o espaço da nova pineal onde o Ancião e as imagens originais do novo homem os aguardam.

O Ancião não se admira com a chegada deles e parece saber tudo o que é

necessário para a continuação do processo. Quem é o Ancião e qual é sua missão? Já o encontramos anteriormente na narrativa. Quando o grupo dos verdadeiros alquimistas navega para a ilha do Olimpo, esse Ancião vem-lhes ao encontro, com alguns companheiros em vestes brancas, num barco de ouro. Ele é o guardião que, desde o início, toma conta de tudo o que se passa na torre. Esse “verdadeiro Ancião” não é uma invenção do autor. Ele é uma figura espiritual realmente venerável. Sobre ele, Daniel fala em sua visão: “Eu continuei olhando, até que foram postos alguns tronos e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve; e o cabelo de sua cabeça, como a limpa lã [...] Eu estava olhando em minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu, um como filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra e o reino...”³

O velho sábio é o arquétipo da experiência humana... A designação “sábio ancião” vem do Oriente: “Não se esquece o ancião que mora no coração e que tudo vê...” O velho sábio no inconsciente coletivo da humanidade tem bilhões de anos e vela sobre as leis eternas entre o consciente e o subconsciente.

A Rosacruz moderna explica igualmente o significado do “Ancião” na notável citação do ensinamento universal: “O Espírito não pode ser contemplado antes que a alma esteja na presença do ancião santo”⁴.

Após esta explicação fica claro o que Cristiano Rosacruz e seus companheiros encontram no oitavo pavimento da torre do Olimpo: o sumo-sacerdote do Altíssimo, de quem Jesus Cristo recebeu a força, e que saiu ao encontro de Abraão⁵.

A esse respeito, Jan van Rijckenborgh escreveu: “Trata-se aqui de um valor divino que abrange em si uma trinalidade, uma tri-unidade: Pai, Mãe e Filho; rei, rainha e Cristiano Rosacruz [...] Esta trinalidade, vista abstratamente, é o grande plano divino, unificador e primordial da criação de Deus; o grande princípio primordial que é denominado ‘ancião santo’ ou ‘ancião dos dias’ na Cabala. Portanto, quem viajar para a ilha quadrada como candidato aos mistérios gnósticos encontrará na torre o guardião da torre e seus auxiliares. É a tri-unidade divina que vem para tornar em um a trinalidade, os três princípios do aluno”⁶.

A propósito do desespero dos quatro companheiros, J.V. Andreae introduz aqui, num piscar de olhos, um princípio superior relativo à iniciação: “Ao saber de nosso susto, quase rebelei de rir por havermo-nos portado tão tristemente diante de tanta felicidade. ‘Que isto vos sirva para aprender, queridos filhos’, disse ele, ‘que o homem nunca sabe o bem que Deus lhe quer’”⁷. E isto é verdade.

A RESSURREIÇÃO DO CASAL REAL

O Ancião é também aquele que encerra em si a imagem original do homem divino, que está no oitavo pavimento como se estivesse presente na eternidade. Na narrativa, o homem divino é as duas formas dos moldes em que se derrama a *prima materia*, ou seja, as cinzas do pássaro azul e a “água preparada” que os quatro candidatos misturaram e aqueceram ao fogo.

Finalmente, quando abriram os moldes apareceram duas “belas estátuas, claras e quase transparentes, como nunca antes houveram visto olhos humanos, um menino e uma menina, ambos com apenas quatro polegadas



[...] Colocamos essas duas crianças, belas como anjos, sobre duas pequenas almofadas de cetim e as contemplamos por um bom tempo, quedando-nos inteiramente silenciosos diante dessa visão encantadora”⁸.

Em seguida é descrito como Cristiano Rosacruz alimentou as duas crianças com o sangue do pássaro. Com isso elas começaram a crescer a olhos vistos e ficaram cada vez mais belas, até chegarem ao tamanho de um adulto, porém sempre sem vida.

A ÚLTIMA TROMBETA

Como possuidor do conhecimento original da união do corpo, da alma e do Espírito, o Ancião prepara a entrada da alma-espírito nos corpos do casal real. Apenas a um candidato é dado poder contemplar e compreender esta última fase do processo alquímico: Cristiano Rosacruz. Somente ele pode ver a alma-espírito, sob a forma de uma flama ardente, sair das sete circunvoluções do telhado e passar pelo conduto de uma trombeta colocada entre os lábios das personagens reais ainda sem vida. Durante esse tempo, a atenção dos três outros candidatos é desviada por um “fogo enganador” e nada vêem. Quanto a isso o protagonista declara: “Meus companheiros somente olhavam para as estátuas; eu, porém, pensava em algo diferente”⁹. Em que estaria ele pensando?

Na primeira noite, quando sonhava que se encontrava prisioneiro no fundo de um poço, uma fanfarra anunciara a aproximação da libertação. A trombeta emite uma sonoridade que desperta. É o chamado da Fraternidade. A trombeta nos liga à poderosa manifestação do Espírito no ser humano, bem como a toda a criação. O

som desse instrumento é associado ao mistério da ressurreição. Contudo, durante o processo alquímico no oitavo pavimento da torre do Olimpo, a fanfarra não é igual àquela que ressoou perto do poço. Aqui acontece algo completamente diferente.

O ESPÍRITO VIVIFICANTE

Vimos que o casal real jaz sobre uma mesa larga. Pelo sacrifício de sangue do pássaro, a oferta da alma, eles se tornam adultos e indizivelmente belos. Entretanto, a nova vida ainda não está neles. O Ancião coloca uma trombeta entre os lábios de cada um, como se eles mesmos tivessem de soprá-las. Em seguida, ele põe fogo nas guirlandas verdes que envolviam os dois instrumentos. Nesse momento, um raio de fogo claro precipitando-se pela abertura do teto passa pelo conduto de cada trombeta e entra nos corpos sem vida. O fogo da alma-espírito penetrou nesses novos corpos e os despertou para a vida.

Isso não é um acontecimento incrível? Ninguém esperava por isso, mas o fato se deu da seguinte forma: de uma brecha no teto, um toque de trombeta insuflou a vida nos corpos, tal como na narrativa da criação. Durante o sonho do primeiro dia, acontece algo semelhante. É ao som de trombetas que a Fraternidade chama os homens decaídos de volta ao campo de vida original. Mas os corpos que jazem sobre a mesa são os novos corpos dos homens originais divinos. O homem original é feito à semelhança de Deus e seu destino é soprar, ele mesmo, a trombeta, a fim de despertar para a vida a substância original. Ele é um deus em devir, o Espírito que vivifica.

Agora chegou o tempo do restabelecimento no campo de ressurreição.

CRC se torna
guardião do
portal e retorna
ao lar...

Por isso, a alma-espírito volta ao corpo regenerado, pois, como um ímã, o corpo a atrai pelo conduto da trombeta. Paulo expressa a mesma coisa, dizendo: “O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão, em espírito vivificante”¹⁰.

Esta profecia se cumpre no oitavo pavimento da torre. Após a efusão do Espírito no casal real, a força espiritual do “Ancião” põe-se a circular nos corpos como uma rede de fogo. As personagens reais despertam para a vida, depois de um tempo de descanso, e são envolvidas pela virgem em magníficas vestes, semelhantes ao cristal: a estrutura etérica sutil do novo corpo.

Agora os companheiros descem a escada em espiral e passam “através de todos os portões e sentinelas, até os navios”¹¹. Disso podemos concluir que a nova ligação entre o chacra do coração e a pineal já está estabelecida. Todas as forças têm a possibilidade de subir e descer e executar seu trabalho.

Com isso, o trabalho que Cristiano

Rosacruz e seus companheiros tinham de executar na torre foi realizado. Na noite do sexto dia, o *opus magnum* está completado. A ressurreição do novo homem, a união alquímica do corpo, da alma e do Espírito foi efetivada. Uma ceia é servida ao grupo dos “verdadeiros alquimistas” que trabalharam sob o comando de Alquimia, no sétimo pavimento. O grupo se prepara para o último dia das núpcias, quando entrarão no Castelo e se tornarão “cavaleiros da Pedra Áurea”.

NOTAS

1. RIJCKENBORGH, J. v. *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, t.2, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1996. p. 29.
2. Daniel, 7:9-13-14.
3. Cf. nota 1, v.1, cap. 19.
4. Hebreus, 7:1.
5. Cf. nota 1.
6. Id., p.LXX.
7. Id., p. 182.
8. Id., p. LXXII.
9. Id., p. LXXIV.
10. 1 Coríntios, 15,45.
11. Cf. nota 1. p. LXXVI.

NOTAS DA PÁGINA 13

1. RIJCKENBORGH, J. v. *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, t.1, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1993. v. 1, p. XXVI.
2. Id., p. XVIII.
3. Id., p. LIX.
4. Id., p. LX.
5. RIJCKENBORGH, J. v. *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, t.2, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1996, p.XVI.
6. Id., p.XVIII.
7. Id., p.XXXVI.
8. Id., p.LXXII.
9. Id., p.LXXIII.
10. BURCKHARDT, T. *Alchemie und Weltbild*. Aurum Verlag: Ambra, 1992, p.211.
11. Id.
12. Cf. nota 5, p. LXXIV.
13. Veja nesta revista o artigo O mistério do pássaro azul.
14. Cf. nota 5, p. LXVIII.

15. ARTEPHIUS. *Das geheim Buch* (O livro secreto), século XII, Internet.
16. Cf. nota 5, p. LXXXIX.

NOTAS DA PÁGINA 17

1. BERDIAIEV, N. *A filosofia do espírito livre*. J.C.B. Mohr, 1930, p.70.
2. BURCKHARDT, T. *Alchemie und Weltbild*. Aurum Verlag: Edition Ambra, 1992.
3. www.deutschesmuseum.de/ausstell/meister/astro.htm
4. Catálogo: *Kein Krieg is heilig* – Die Kreuzzüge, da exposição que teve lugar de abril a julho de 2004 no Dommuseum. Mayence: Philip Von Zabern, 2004.
5. ROOB, A. *Alchemie und Mystik*. Colônia: Taschen, 1997, p. 39, 54, 75, 101,168-173.
6. Id., p. 465.

NOTAS DA PÁGINA 33

1. ARTEPHIUS. *Das geheim Buch*,

século XII, Internet.

2. Trata-se da mistura de um dissolvente à base de antimônio (*stibium*, Sb) e de mercúrio sublimado. O mercúrio alquímico não é o argento-vivo comum.
3. Cf. nota 1.
4. Id.
5. Azoth, segundo *Les Figures secrets des Rose-Croix*, Altona, 1785. Esta palavra é formada pelas primeira e última letras do alfabeto hebreu, do grego e do latim, significando assim “o começo e o fim”.
6. GEBELEIN, H. *Diederichs Gelbe Reihe. Munique: Kreuzlingen*, 2000.
7. ARTEPHIUS. *Das geheim Buch* (O livro secreto), século XII, Internet.
8. RIJCKENBORGH, J. v. *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, t.2, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1996. p. 57.



O CHAMADO DA FRATERNIDADE ROSACRUZ

J. van Rijkensborgh

Considerado o primeiro documento a declarar publicamente a existência da Rosacruz Clássica, a Fama Fraternitatis extrapola os limites das palavras e toca a própria alma dos homens, exortando-os a vivenciarem a arte real da reconstrução do templo interior.

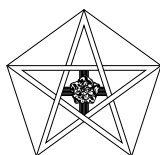
Trata-se de uma obra esotérica de valor inestimável que se revela, através da análise que a acompanha, como fonte de força espiritual e luminoso fanal para todos aqueles que buscam o inefável dentro de si.



EDITORA
Rosacruz

464 pgs.
ISBN | 85-88950-15-4
R\$ **40,00**

EDITORA ROSACRUZ
Caixa Postal 39 - 13.240-000 - Jarinu - SP - Brasil
Tel (11) 4016.4234 - fax 4016.3405
www.editorarosacruz.com.br
info@editorarosacruz.com.br



Hermes é a fonte primordial.
Após tantos danos terem sido infligidos ao gênero humano,
com auxílio da Arte e por determinação divina,
aqui fluo como
remédio de salvação.
Quem o puder beba de mim.
Quem o quiser purifique-se em mim.
Quem o ousar mergulhe em minhas profundezas.
Bebei, irmãos, e vivei! – 1378

(As núpcias alquímicas de
Christian Rosenkreuz, t.2, p.8 e 11)